

# EM PAUTA

Edição de Dez/Jan/Fev2025





# PALAVRAS DA DIRETORIA

Prezados Associados,

À medida que este ano se despede, a **APASC** direciona seu olhar para o futuro com gratidão e confiança. Em 2025, celebramos não apenas nossas conquistas, mas também o fortalecimento dos laços que nos unem enquanto associação. Os encontros e celebrações que marcaram este período reforçaram nossa identidade coletiva e deram novo sentido ao nosso 22º aniversário — um marco que simboliza resiliência, união e o compromisso de seguir crescendo juntos.

Neste clima de fim de ano, envolto pela atmosfera natalina, somos convidados a recordar o quanto a solidariedade e o acolhimento fazem parte do espírito da **APASC**. Aqui, somos mais que colegas: buscamos compartilhar o sentimento de amigos que se apoiam, escutam e se fortalecem mutuamente. E é com esse mesmo espírito que olhamos para o futuro, com o firme otimismo de que seremos uma associação cada vez maior e integrada, acolhendo novos associados e ampliando nossa rede de convivência e amizade.

Que os próximos anos não sejam marcados apenas pela passagem do tempo, mas pela construção contínua de uma comunidade sólida e ativa. A **APASC** reafirma seu compromisso no trabalho incansável para fortalecer os vínculos, promover encontros significativos e cultivar um ambiente onde cada associado e pensionista sintam-se parte essencial desta história — uma história que cresce com cada novo membro que se soma. Que este período de confraternização seja repleto de alegria, amor, reflexão e, sobretudo, calorosa conexão entre todos os associados e suas famílias.

Nesta edição, além da tradicional Palavras da Diretoria, aniversariantes do mês e um artigo sobre Terapia Ocupacional, também retornamos a saudosa série do Espaço Memória, com registros exclusivos da Revista Souza Cruz — uma antologia de 1916 a 1935, cedida por Josefino Borges. Para melhor leitura das páginas da revista, sugerimos que a faça em um computador ou laptop, ampliando a página em seu leitor de PDF através do ícone da lupa.

A **APASC** deseja a todos um Feliz Natal e um próspero Ano Novo. Boa leitura!

ARTIGO

# ESPAÇO MEMÓRIA

REVISTA  
SOUZA CRUZ

UMA ANTOLOGIA 1916 • 1935

CRÔNICAS



ARTIGO

# ESPAÇO MEMÓRIA

UM PAÍS À  
PROCURA  
DE SI MESMO

FRANCISCO BOSCO



## ARTIGO

## ESPAÇO MEMÓRIA

Tendo sido publicada entre 1916 e 1935, a *Revista Souza Cruz* nos oferece a imagem de um país sob todos os aspectos novo, ainda a definir-se, anterior, portanto, às suas maiores realizações artísticas e civilizatórias, e anterior também à consciência aguda dos vícios estruturais de sua formação, que viriam a limitar e decepcionar as suas melhores aspirações, e a que Antonio Candido chamaria de “consciência catastrófica do atraso” (hoje talvez pudéssemos falar em uma “desconfiança radical do progresso”).

Ainda em plena *belle époque* – manifesta, nas páginas da revista, pelo traço dos seus desenhos –, a cidade do Rio de Janeiro que aqui encontramos é uma em que a cultura francesa é mais influente do que a americana; o Cristo Redentor estava prestes a ser colocado no topo do Corcovado; o jogo do bicho era uma prática recente (contra cuja repressão chega-se a sugerir sua regulamentação, medida análoga àquela que hoje os progressistas recomendam quanto à produção e ao consumo das drogas) e se escrevia football, logo antes de o esporte bretão, por via dos negros, tornar-se futebol, e o Brasil, o país do futebol.

A partir de 1922, o modernismo e, em sua esteira, os extraordinários anos 1930 consumariam essa procura, dando ao país uma versão mais profunda de sua formação (com Gilberto Freyre), de seu caráter (ou da falta dele, em *Macunaíma*), produzindo seu símbolo maior (o samba) e sua iconografia imaginária (dos trabalhadores de Portinari às bandeiras de Volpi). É o clamor por acontecimentos dessa ordem que se sente nesta seleção das páginas da *Revista Souza Cruz*. O país é declarado precário e ignorante de si próprio em quase todos os aspectos da vida cultural, mas também em suas dimensões mais básicas e estruturais. Assim, sobre o teatro nacional, reclama-se que “nada foi feito ainda”; sobre a crítica literária, lamenta-se que “nem os românticos têm tido crítica séria (...) e dos realistas, parnasianos e simbolistas nada se sabe”. Lembremos que, para Antonio Candido, segundo o argumento de sua *Formação da Literatura Brasileira*, a literatura começa, entre nós, no sentido do pleno funcionamento de um sistema literário, apenas no romantismo, logo, apenas algumas décadas antes do início da publicação da *Revista Souza Cruz*.



## ARTIGO

# ESPAÇO MEMÓRIA

Mas a precariedade não se situa apenas na “superestrutura” cultural, e sim na mais básica infraestrutura. O país não conhece sua própria população, e urge – segundo o apelo de um artigo com jeito de editorial – realizar-se um recenseamento rigoroso e confiável. Segundo o último censo, de 1900, posto sob suspeição (desconfiava-se de que muitas famílias escondiam os filhos para evitar seu recrutamento), o Brasil tinha pouco mais de 17 milhões de habitantes. Compreende-se então a importância do tema da imigração, fundamental para povoar e unificar os vastos territórios do país continental. Tema tratado pelo presidente do “Circulo do Magisterio Nocturno Municipal”, Gabriel Bandeira de Faria, sob a perspectiva racista e eugenizante que marca o século XIX, e cujo caráter pseudocientífico hoje soa ridículo, sem que tenhamos até o presente conseguido dar uma resposta social justa a suas drásticas consequências.

De volta ao campo da cultura, é também sintoma de sua incipiência a crônica de Lima Barreto em que o grande romancista proclama seu repúdio ao carnaval, não por motivos moralistas, mas estéticos. A incoerência das canções momescas chega a ser comparada à poesia dos doentes mentais, para prejuízo daquelas: “Conheço a poesia dos alienados, tenho até exemplares dela, mas, se compararmos as suas produções com as que são cantadas nos três dias de Momo, toda a vantagem de concatenação de ideias, de sentido e até mesmo de poesia vai para a banda da dos dementados”. Para demonstrar seu ponto, Lima Barreto transcreve a hoje clássica “Fala, meu louro”, de Sinhô, figura decisiva para a canção popular, em um momento em que as suas possibilidades formais eram ainda limitadas, a autoria quase não existia e o mercado ainda se testava. Eis duas estrofes da letra de “Fala, meu louro”:

“A Bahia não dá mais coco/  
Pra botar na tapioca/  
Pra fazer o bom mingau/  
Pra embrulhar o carioca//  
Papagaio louro (corrupacopacopaco)/  
Do bico dourado (corrupacopacopaco)/  
Tu que falavas tanto/  
Qual a razão que vives calado?”.

Nos anos 1920, a canção popular dividia-se, grosso modo, entre as marchinhas e maxixes de carnaval e as modinhas, valsas e serestas de “meio de ano”. Essas últimas eram altissonantes, pomposas, inscritas na tradição romântica e parnasiana, em suma, diretamente europeia. Já as canções de carnaval eram coloquiais, de base



ARTIGO

# ESPAÇO MEMÓRIA

AINDA EM PLENA *BELLE ÉPOQUE* – MANIFESTA, NAS PÁGINAS DA REVISTA, PELO TRAÇO DOS SEUS DESENHOS –, A CIDADE DO RIO DE JANEIRO QUE AQUI ENCONTRAMOS É UMA EM QUE A CULTURA FRANCESA É MAIS INFLUENTE DO QUE A AMERICANA; O CRISTO REDENTOR ESTAVA PRESTES A SER COLOCADO NO TOPO DO CORCOVADO; O JOGO DO BICHO ERA UMA PRÁTICA RECENTE (...) E SE ESCRERIA FOOTBALL, LOGO ANTES DE O ESPORTE BRETÃO, POR VIA DOS NEGROS, TORNAR-SE FUTEBOL, E O BRASIL, O PAÍS DO FUTEBOL.

rítmica africana, feitas por iletrados pobres. A razão do descontentamento de Lima Barreto é que nessas primeiras duas décadas do século as canções de carnaval ainda estavam em formação e apresentavam forte presença do mundo rural (como se pode verificar na segunda estrofe citada), contendo muitas vezes quadrinhas desprezíveis e desarticuladas entre si. Mais uma vez, estamos a apenas alguns anos de a precariedade ganhar corpo e desenvolver-se. No caso, a figura principal responsável pelo desenvolvimento da canção popular propriamente brasileira foi Noel Rosa. Nascido justo no ano da morte de Sinhô, foi Noel quem deu à canção coloquial uma profundidade e um virtuosismo estético jamais imaginados.

Nas páginas finais desta seleção, apresentada cronologicamente, esse espírito modernista tão anunciado dá as caras e chega a apresentar-se plenamente no despojado, desencanado e delicioso relato de Manuel Bandeira sobre seu fracasso inicial na leitura de Proust, “dono do estilo mais puxa-puxa de que se tem notícia na história de todas as literaturas”. Aí já estamos diante de um país mais seguro, detentor de uma imagem de si próprio e do qual se pode dizer, hoje, que o desafio é o inverso: como para o poeta consagrado segundo Drummond, sua tarefa não é mais a de construir um estilo singular, mas de poder liberar-se dele para se reinventar.

**FRANCISCO BOSCO** é ensaísta, autor de *Alta ajuda* (Foz, 2012), *E livre seja este infortúnio* (Azougue, 2010), *Banalogias* (Objetiva, 2007), *Dorival Caymmi* (Publifolha, 2006) e *Da amizade* (7Letras, 2003). Doutor em Teoria da Literatura pela UFRJ. É colunista do jornal *O Globo*.



## ARTIGO

# ESPAÇO MEMÓRIA

## Como são eleitos os Papas

A reunião no Conclave — A alimentação dos Cardeais — O gesto da inspiração — O anel do pescador.

Imaginemos que estamos em Roma, logo depois da morte de um Papa. A cidade está naturalmente alvoroçada. As últimas notas do órgão somem-se nas arcadas de S. Pedro, está concluída a missa do *Spirito Sancto*, e, de dois a dois, os setenta Cardeais, com suas vestes escarlates vão caminhando para o Vaticano pelas azas do imenso edifício, que então, se acha apinhado de vasto concurso de padres e do povo que cantam o *Veni, Creator*.

Chegados ao Vaticano, os Cardeais dirigem-se para um salão chamado Conclave construído expressamente para esta solemnidade, e em cujas galerias ha tantas cellas quantos são os Cardeais. Cada um dos membros do Conclave é acompanhado de dois "conclavistas" ou assistentes, um sacerdote e outro soldado: a estes dois individuos incumbe prover as necessidades pessoais do cardeal, e a honra e ter sido conclavista é considerada como uma das mais elevadas por toda a vida. Estes assistentes, já se vê, prestam juramento de guardar segredo acerca dos trabalhos do Conclave.

Nas primeiras vinte e quatro horas da sessão, permite-se a presença de embaixadores e dos que tem interesse especial na eleição do Papa; mas ás tres horas da manhã seguinte, um sino dá signal que todos, excepto os membros do Conclave e seus ajudantes, devem retirar-se dali. Então cerram-se todas as portas e janellas, excepto uma pequena janella para a passagem do alimento. Si no fim de tres dias, não se tem chegado a eleger um Papa, os Cardeais começam a só receber dois alimentos por dia. Si a eleição não se declara até o oitavo dia, de então em diante, elles só recebem para a nutrição pão, agua e vinho, até que se eleja o Papa. A eleição de *Gregorio X* foi retardada tres annos por varios motivos: para obviar a futuras prorogações, o concilio de Lyão, em 1274, determinou que a eleição do pontifice se faça dentro de dez dias depois do da morte do antecessor; e esta constituição ainda hoje vigora.

*Innocencio III* prescreveu que a eleição se possa fazer de quatro modos diversos: por inspiração, compromisso, escrutinio e accesso.

Os Cardeais elegem um Papa por "inspiração" mencionando em alta voz, por um impulso repentino, o nome da pessoa que de-

sejam elevar ao pontificado. Este methodo não é muito seguido.

Faz-se eleição por compromisso quando o Collegio, não podendo chegar a fazer uma escolha, a confiam a um membro do Conclave, e depois confirmam a nomeação. Este methodo não tem sido muito seguido desde que um Cardeal esperto, depois de ter obtido promessas solemnes de cada um de seus collegas para confirmar a sua escolha, elegeu-se Papa a si mesmo, sob o nome de *João XXII*.

O modo mais commum da eleição do Papa é o do escrutinio. Cada um dos Cardeais tira de uma bacia de ouro um cartão em que escreve o seu nome e o do em que recae o seu voto. Estes cartões são depositados, com muitas genuflexões, em um grande calix no altar e depois são contados, com muitas ceremonias por pessoas eleitas para esse fim. O Cardeal que recebeu os votos de dois terços do Collegio é declarado eleito Papa.

Quando, depois de varios experimentos, nenhum candidato obtem esta maioria de dois terços, os Cardeais podem *acceder* ao voto de outros, e então, mudando seus cartões com certas formalidades, se faz a eleição chamada *por accesso*. Todas as cédulas são logo depois entregues ás chammas.

Apenas eleito, o Papa tem de declarar qual o nome que vae tomar na sua nova dignidade. O primeiro que introduziu este costume de alterar o nome foi *Sergio IV*. Este Papa chamava-se anteriormente: Os Porci (Boca de Porco), e, com tal nome, não é de admirar que elle quizesse mudal-o. O seu exemplo, porém, tem sido seguido invariavelmente por todos os successores.

Depois da alteração do nome, segue-se a solemnidade da apresentação do sello egreja catholica, chamado o "anel do pescador", e o novo pontifice, trajado de branco e escarlate, é então conduzido ao altar, onde é posto e onde o adoram os Cardeais, prostrados de joelhos a seus pés, e sem darem fé que prestam a uma creatura humana o culto que a humanidade só deve ao bondoso Creador. Aca-bado o beija-pé, os Cardeais mandam abrir as portas do Conclave e annunciam o resultado da eleição ao povo: sinos da cidade repercutem de todas as torres, e no meio de muito barulho, o Papa é carregado a S. Pedro, onde os Cardeais, prelados e a nobresa o adoram de joelhos.



## ARTIGO

# ESPAÇO MEMÓRIA

## O Rio do Centenario e a esthetica das fachadas

### A Acção da Sociedade dos Architectos

**H**A muitos edificios de que o Rio se pôde orgulhar, graças á pureza de suas linhas e estylo, a sua elegancia ou formosura. Vê-se mais de uma duzia delles em Copacabana, Leme e Ipanema; outro tanto se encontra nas Laranjeiras, em Botafogo e na Tijuca, ou neste ou naquelle ponto central da cidade. Mas, por muitos que elles sejam, como numero, são rarissimos em relação ao conjunto, porque não bastam a quebrar o aspecto geral e lamentavel das nossas edificações em seu perfil e fachadas. E' isto um crime que não nos perdôa o estrangeiro; e difficilmente hão de comprehendel-o os nossos visitantes da Exposição.

Não se poderá allegar falta de gosto ou de architectos, porquanto possuímos do primeiro em grande parte, e de que os architectos não escasseiam não ha melhor prova a invocar do que essa da maneira porque quasi todos deram execução ás grandes obras e concepções da Avenida das Nações e aos mais modernos edificios publicos e particulares. Mas, se não ha falta de architectos porque tantas casas estão sendo construidas da maneira mais lamentavel possivel? Se não ha falta de gosto, por que ha tanto attestado vivo de máo gosto a erguer-se em todos os cantos da cidade? São perguntas que embarçam, são questões estas que se deslindam, mas exigem que o espirito de generalisação seja bem comprehendido, visto que ao lado dos nossos excellentes architectos e do nosso bom gosto, ha o falso bom gosto e os máos architectos.

A maioria das casas que affeiam certas ruas não datam de agora; outras se resentem por vezes de uma falta de elegancia que nada mais é que a difficuldade de conciliação entre a economia e o bello, que tantos espiritos não logram harmonisar.

A construção do Rio de Janeiro, como occorre em todas as grandes cidades, é um tecido complexo do phenomeno de varia natureza, para que se possam explicar logo os motivos desta ou daquella preferencia por certos generos. No entanto alguns aspectos dessa questão soube abordar com muita proficiencia a Sociedade de Architectos no memorial que recentemente endereçou ao Sr. Prefeito, numa defesa brilhante da esthetica urbana para o Centenario, e deixando entrever algumas das causas das muitas monstruosidades que possuímos em materia de casas, palacios e palacetes. Trata-se de um documento de muita valia e oportunidade, empenhado como está o actual prefeito em dar certas apparencias aos progressos architectonicos do Rio.

E' com uma verdade de todos sentida que a Sociedade dos Architectos começou por pedir ao Sr. Carlos Sampaio que lhe permitta salientar em poucas palavras, como principal preambulo das razões e idéas do memorial, os prejuizos Moraes que resultam para a cultura brasileira do contraste deprimente que offerecem os edificios do Rio, centro intellectual de nossa actividade artistica e scientifica e nucleo dos nossos maiores esforços industriaes, com a cultura geral do paiz.

Mais adeante, o memorial accrescenta, não é sem menor razão, que desde a antiguidade até os nossos dias, nós não encontramos, na historia da humanidade, nenhum facto que glorifique o apogeu social de qualquer povo que, ao lado da sua grandeza intellectual, e tão grande quanto elle, não tinha a se elevar, vertiginosa e culta, a architectura, como a mais visivel documentação de toda a sua grandeza.

O intuito dos signatarios do memorial estava manifesto em conceitos que se estendiam sobre o seguinte periodo:

"E', pois, deante desta evidencia tão positiva quanto as verdades mathematicas, que vimos suggerir uma medida que, se é original, para a nossa capital, outros povos, mesmo no continente sul-americano, tem-n'a em plena applicação, com os melhores beneficios para os problemas de esthetica urbana".

Penetrando neste assumpto a Sociedade lembra ao Prefeito, como medida principal da nossa defesa esthetica, a criação de um



directorio especial de architectura, desempenhada por architectos de comprovada competencia, com amplos poderes para estabelecer a censura esthetica nos projectos submettidos á approvação da Directoria de Obras, zelando assim pela nossa belleza artistica. São estas as ultimas palavras do memorial:

"Confiamos, pois, a V. Ex. o futuro architectonico da nossa Capital e, como reflexo, o conjunto artistico de nossa patria, afim de que o anno em que commemoramos o nosso primeiro seculo de povo livre, repetindo cem annos mais tarde o desejo de um governo que entregou sua formação ao pessimismo de Ville de Medicis, como garantia maxima de novos alicerces, possamos commemorar o como o realisador do progresso colonial, cujo colapso na tão longa vida sem applicação devemos frequentemente considerar como o descortino necessario á coordenação de toda nossa imaginação, servida em cem annos de observações e estudos."



## ARTIGO

# ESPAÇO MEMÓRIA

## Sobre o Carnaval

Lima Barreto, grande romancista bohemio foi uma especie de Gorki indigena. Sua obra é uma grande expressão da alma brasileira, principalmente da alma mestiça. Em suas admiráveis novellas, onde fervilham typos de realidade intensa e flagrante, passam pinturescamente os costumes do Rio de Janeiro. "Sobre o Carnaval", que se publica pela primeira vez, é uma de suas mestras scenas genericas.

Attribuo em parte ao meu avanço no tempo, se uma tal cousa se pode dizer, o aborrecimento que me causa o Carnaval actualmente.

Nunca fui carnavalesco, mas, como todo o melancolico e contemplativo, gosto do ruido e da multidão e não fugia a elle.

O isolamento faz-me mal á alma e ao pensamento. Mergulhado no barulho dos outros, deixo de pensar em mim e nas fantasmagorias que eu mesmo criei para o meu padecer. A embriaguez que a multidão traz, é a melhor e a mais inoffensiva de todas que se têm até agora inventado. Nem o opio, nem o alcool, nem o hachisch produzem a embriaguez que com a della se assemelhe. Temos visões extranormaes, sem estragar a saude...

Se tivesse herdado uma grande fortuna e até hoje a tivesse conservado, havia de marcar, nos dias presentes, a minha vida e a minha estadia, em varias partes do mundo, pelas celebres festas que, nellas, determinam grandes aglomerações humanas. Iria a Benares, na India, quando fosse a época das peregrinações dos brahmanistas ao Ganges, sagrado e do sagrado banho no rio divino; iria á Mecca, no auge das visitas dos musulmanos ao tumulo do propheta; iria a todas as festas e cerimoniaes dessa natureza; mas, actualmente, fugiria do Carnaval do Rio de Janeiro, que não se pode agora assistir em são e perfeito juizo. Vou dizer o motivo.

Não partilho da opinião da policia, nem muito menos tenho os melindres pudibundos da "Liga" do Sr. Peixoto Fortuna; o que me aborrece mais no actual Carnaval, é a conclusão a que fatalmente chego ao ouvir as suas cantigas, sambas, fados, etc., ao ouvir toda essa poetica popular e expontanea, de não possuir o nosso povo, a nossa massa anonyma, nenhuma intelligencia e de faltar-lhe por completo o senso commum. Mette horror semelhante pensamento.

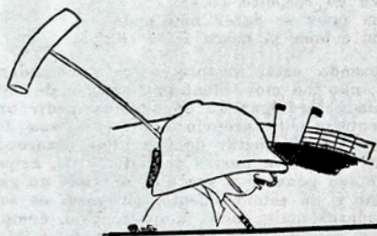
O ponto de vista de immoralidade e chulice pouco me preocupa; o que me preocupa é o intellectual e artistico, tanto mais que, se este, segundo as suas forças, fosse obedecido pelos nossos bardos carnavalescos, certamente a immoralidade e a chulice ficariam attenuadas e disfarçadas. Tal cousa, porém, não se dá; e na impossibilidade, devido á policia, de entoarem coplas (?) francamente pornographicas e porcas, não têm os rapso dos carnavalescos outro recurso senão lançarem mão de estribilhos e cantigas sem nexos algum. Uma tal pobreza de pensamento no nosso povo causa a quem medita, piedade, tristeza e arborrecimento. Por isso fugi ao Carnaval e elle agora me é indifferente.

Conheço a poesia dos alienados, tenho até em meu poder exemplares della; mas, se compararmos as suas produções com as que são

cantadas nos nossos tres dias de Momo, toda a vantagem de concatenação de idéas, de sentido e mesmo de propriamente poesia, vae para a banda da dos dementados.

Seria tollice dos vates dos cordões e ranchos, cousas impecaveis em qualquer sentido. O que, porém, podiam mostrar, é que eram capazes de não desmentir o estro dos nossos humildes cantores roceiros do "desafio", que são verdadeiramente povo; entretanto, raramente cáem com as suas quadras no contra-senso ou, melhor, no sem senso, agravado do palavriado ôco e idiota da actual musa carnavalesca.

Os jornaes, ou, antes: um jornal observou mais ou menos isto que eu estou aqui dizendo; mas sem confessar que a culpa é delles, pois animam a vaidade de taes poetas, publicando-lhes, sem exame, a sua enxurrada de vocabulos que não querem dizer nada. Estou certo, de que, se para a sua pu-



JOCKEY CLUB

blicação e competente elogio, os quotidianos exigissem mais alguma cousa que não uma trapalhada de palavras, melhor elles fariam.

Nos dias que precederam o Carnaval, pois escrevo no sabbado, vespera delle, andei pelas secções competentes das folhas, colleccionando as cantarolas da "cordoalha" carnavalesca. Cansei-me logo, pois me aborreci com tanta bobagem accumulada; entretanto, guardei algumas. Lá vae uma. Vejam só este pedacinho do Parnaso Carnavalesco:

Primeira parte:

Para a nossa victoria  
nós espalhamos,  
pelos caminhos,  
os risos de alegria  
e os gorgelos  
dos passarinhos,  
e ao surgir da lua  
no céu sem brumas,  
no céu tão lindo,  
nós da Estrada de Ouro,  
cantando em côro,  
vamos fugindo.



EM PAUTA

DA APASC

# APASC

CONVIDE COLEGAS APOSENTADOS  
PARA FAZER PARTE

*dessa história*



## ARTIGO

# TERAPIA OCUPACIONAL: SOLUÇÕES PARA MENTES CANSADAS

Construída sobre o entendimento profundo da atividade humana e de sua força transformadora, a Terapia Ocupacional é uma possibilidade para viver uma vida mais plena. Mais do que promover a reabilitação, ela pode devolver sentido ao cotidiano. A Terapia Ocupacional, então, atua para que cada pessoa recupere a autonomia necessária para realizar ações cotidianas, criando, profissional e paciente, modos possíveis de viver. Cada intervenção é pensada a partir das habilidades e limites do indivíduo, valorizando suas experiências, contextos familiares, sociais e culturais.



O senso de comunidade pode levar a pessoa idosa a viver com maior qualidade de vida.

Envelhecer é um processo natural da vida. Cada fase traz consigo novos desafios e também novas possibilidades. A Terapia Ocupacional surge como uma aliada para pessoas idosas, oferecendo cuidado, acolhimento e estratégias concretas para preservar aquilo que mais importa: a autonomia, a participação social e a qualidade de vida.



## ARTIGO



Definida pelo **Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional** (Coffito) como uma profissão dedicada ao estudo, à prevenção e ao tratamento de pessoas com alterações cognitivas, afetivas, perceptivas e psicomotoras, a Terapia Ocupacional entende que cada indivíduo carrega uma história única, construída por experiências, afetos e modos próprios de viver. Por isso, o terapeuta ocupacional olha para a pessoa idosa não apenas como alguém que precisa de cuidado, mas como alguém que tem um cotidiano cheio de significados e que merece continuar exercendo suas atividades com respeito e segurança.

Tarefas como tomar banho, vestir-se, preparar uma refeição, caminhar até um compromisso ou praticar um passatempo podem se tornar mais difíceis com o tempo — seja por limitações físicas, emocionais, sensoriais ou cognitivas. A terapia atua aqui ajudando a pessoa idosa a continuar realizando essas atividades de forma adaptada, confortável e eficiente. É um caminho pouco previsível do ponto de vista do tempo. Não se sabe quando os resultados serão visíveis, mas é uma estrada importante na construção de novas maneiras de fazer aquilo que sempre fez parte de sua vida.

A Terapia Ocupacional também contribui para fortalecer a participação social. Seja no convívio familiar, em grupos comunitários, em atividades de lazer ou no retorno a funções que lhe dão prazer, o terapeuta ocupacional busca promover autonomia e inclusão. A atividade humana — entendida como criativa, lúdica, expressiva e produtiva — continua sendo parte essencial da vida, independentemente da idade.

Enquanto a Fisioterapia trabalha com a reabilitação do movimento corporal, a Terapia Ocupacional se dedica especialmente àquilo que dá sentido ao dia a dia: as ocupações, as atividades que fazem parte da rotina e da identidade de cada um. E é justamente essa abordagem que torna a Terapia Ocupacional uma ferramenta interessante para quem busca o envelhecimento saudável.

Envelhecer com independência é um direito. E a Terapia Ocupacional é uma das chaves para assegurar que esse direito seja vivido plenamente, com respeito, cuidado e esperança.



EM PAUTA

DA APASC

# APASC

VAMOS JUNTOS NESSA





# ANIVERSARIANTES

## Dezembro

- 04** Marcus Vinicius Vercillo Luisi  
Elaine Fernandes Vianna
- 08** Marcio Vieira  
Jesus Lamas Meijomil
- 10** Helio Adolfo Fensterseifer
- 16** Divino Rosa Souto
- 21** Lorivaldo da Silva Raupp
- 24** Markus Ignacio Sulzbach
- 25** Eugênio Becegato
- 26** Victor Dalmolin
- 28** Letícia Benedita Lemos Sampaio
- 29** Maximiliano Dallarosa  
Mozart de Figueiredo Galvão
- 30** Mário da Silva Simões Bóia
- 31** Ivan Pombo de Souza

## Janeiro

- 02** Guido Knies
- 03** Gilberto Mueller
- 06** Maria Regina de Abreu Coelho
- 07** Antonio Aragão Porto
- 12** Francisco Rolim de Albuquerque  
Romildo Portes Kempinski
- 14** João Gabriel Brunelli  
Marcio Luiz Ribeiro
- 15** Marcos Pery Amaral Campos
- 22** Silvio Salvador Senra
- 25** Celio Asturian  
Roberto da Silva Torres
- 26** Wigold Beck
- 27** Valmor Perci Scheibe  
Paulo Roberto M. de Oliveira Borja
- 28** Sylvio Arnaldo Pecora
- 31** Evandro Luiz Stelman Medici

## Fevereiro

- 01** Adroaldo Rossi Júnior
- 02** Celia Mariana Amador Lima de Seabra  
Leonardo Urias dos Santos
- 03** Kenneth Henry Lionel Light  
Marcos Henrique Koshaka
- 08** Antonio Jose do Nascimento
- 12** Maria Regina Rohde  
Walter Luiz Alvares  
Eduardo Carlos Magalhães
- 15** Ricardo Pena Assis  
Paulo Roberto Figueiredo Aguiar
- 19** Sergio Carneiro Neumayer
- 21** Marize Torres de Carvalho
- 22** Elui Elemar Krugel
- 23** Lydio de Souza Pires  
Vicente Henrique da Costa
- 24** Teresa Maria de Mattos Leça  
Paulo Eduardo P. C. da Silva Santos
- 25** Francisco Cesare
- 26** Egon Ritt
- 27** Cesar Zabot
- 28** Marielza Scalzo  
Reinaldo Pires de Oliveira





# EM PAUTA

ASSOCIAÇÃO DE PENSIONISTAS E APOSENTADOS DA  
SOUZA CRUZ

Acompanhe a **APASC!**  
Informações, novidades e muito mais.

Acesse: [www.apasc.com.br](http://www.apasc.com.br)  
Contato: [apasc@apasc.com.br](mailto:apasc@apasc.com.br)

Quarta Edição de 2025

Diagramação  
Rafaela Silva